

Uma Grande Mentira

Sob a égide da COP21 (Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC), Paris acolherá dentro de dias (30 de Novembro a 11 de Dezembro) mais de 40,000 migrantes climáticos – eles não virão da Síria, da Líbia ou do norte de África, mas provêm antes das capitais do poder mundial: governos, empresas multinacionais e ONGs de toda a sorte.

Unidos na diabolização do Dióxido de Carbono (CO₂) como o principal agente das desgraças climáticas que nos fustigam, estes migrantes, ao contrário das centenas de milhares de refugiados que têm vindo a assolar a Europa, não terão que furar fronteiras de arame farpado sob balas e lacrimogéneos, nem terão que navegar velhos e crianças para mortes certas no Mar Mediterrâneo.

Na verdade, estes migrantes COP21 são outra loiça; viajarão de avião ou TGV, alojar-se-ão em hotéis de luxo com as suas extensas cortes, beberão e comerão à fartazana ao longo de mais de 15 dias e, sempre que puderem, soncarão afundados nas poltronas do centro de conferências Le Bourget sonhando com parábolas sobre o capitalismo verde; incidentalmente, nenhum destes mais de 40,000 migrantes burocráticos e respectivas faunas acompanhantes terão que se preocupar com quaisquer custos já que os mais de 200 milhões Euros da factura final serão cobertos por uma santa aliança entre os governos dos países mais poluidores e uma panóplia de multinacionais atoladas até ao pescoço em gases de estufa; no entretanto, note-se que, tudo somado, a pegada carbónica desta cerimónia ambiental supera as emissões anuais de diversos países.

Tal como nos casinos, nestas Convenções faz-se batota ... e da grossa; e não me refiro só às aldrabices que se têm registado no mercado *de créditos de carbono* e outros protocolos UNFCCC como reporta o Stockholm Environment Institute, ou apenas às várias fraudes que desde há anos a Volkswagen tem vindo a praticar na indústria auto-diesel – segundo contas muito preliminares, o custo ambiental desta perversão Volkswagen (AUDI, SEAT, Skoda etc.) ultrapassa a soma das emissões anuais de poluição aérea (NO_x et al.) das centrais eléctricas, veículos, indústria e agricultura do Reino Unido (UK).

Quanto a batotas, falo também da promiscuidade que tende a permear as estatísticas, e de como o que se tinha como uma *sagrada ciência* vai sendo manipulada consoante os interesses correntes – nuns casos mexe-se nas temperaturas dos ares, solos e mares como o demonstra a apressada emergência de *novos métodos estatísticos* procurando iludir um mal compreendido hiato ou pausa no aumento do aquecimento global nos últimos 15 anos.

Noutras batotas estatísticas, a utilização de coeficientes de conteúdo carbónico errados obriga agora a ciência climática oficial a apagar atabalhoadamente mais de 14% das emissões das centrais eléctricas, siderurgias e cimenteiras da China, enquanto no Zambeze, por exemplo, a hidrologia oficial insiste em socorrer-se de séries históricas manipuladas com o fito de se promover miragens hidroeléctricas.

Como prescrevem os livros de espionagem em casinos, a arte da ilusão passa sempre por uma Grande Mentira: raramente funciona durante muito tempo é certo, mas, tipicamente, é o último recurso do espião encurralado que, após ter sido apanhado em duas ou três pequenas batotas, é forçado a responder à questão: mas, afinal, *QUEM É O INIMIGO?*

Tudo indica que, no caso das novelas climáticas COP, esteja a ser construída uma Grande Mentira sobre o aquecimento global e ela gira em torno do dióxido de carbono) gerado pelo Homem (CO₂ antrópico) – de facto, num acto extremo de autoflagelação, desde há tempos que tudo é feito para que assumamos este CO₂ antrópico como o nosso inimigo principal, como o único diabo climático a abater.

A ideia COP é levar-nos a ignorar que o actual estado climático da Terra em muito resulta de dinâmicas naturais, completamente fora do controle humano, como seja, por exemplo, as variações no eixo, órbitas e campos magnéticos da Terra ou o impacto da variabilidade do campo magnético do Sol e dos raios cósmicos na formação de nuvens de baixa altitude na Terra – a este respeito, recorde-se que estudos recentes sobre a frequência das manchas solares (*sunspots*) e os ciclos de 11-anos do Sol sugerem que a actividade solar está actualmente decrescendo em típica *estação outonal* a caminho de um inverno 2030 que registará uma diminuição de 60%, altura em que se reproduzirão condições só registadas aquando da “*pequena idade do gelo*” que cobriu o hemisfério Norte durante os séculos 13 e 19.

A ideia COP também tudo faz para que nos esqueçamos que as alterações anuais e decadárias no sistema climático da Terra são igualmente influenciadas pela densidade de aerossóis atmosféricos (provenientes ou não das erupções vulcânicas) e, muito em particular, por dinâmicas oceano-atmosfera que geram fluxos naturais de gases de estufa muito superiores às descargas antrópicas – recorde-se que, uma vez que os oceanos contêm 50 vezes mais CO₂ que a atmosfera, um ligeiro arroteo marinho pode alterar dramaticamente os níveis carbónicos de estufa e, conseqüentemente, a temperatura global da Terra.

A diabolização do CO₂ antrópico passa inclusive pela forma distorcida como os Gases com Efeito de Estufa (GEE) nos são explicados; não menos prezando o seu impacto climático pernicioso, vale a pena aqui lembrar que o CO₂ que o Homem emite representa apenas 0.12% dos GEE (contra 3.6% de CO₂ produzido naturalmente) num conjunto dominado pelo vapor de água (cerca de 90%) que afinal não é tão inocente como se julgava – de facto, segundo alguns reputados modelos climáticos baseados em sólidas medições via satélites, a concentração de vapor de água na troposfera superior poderá duplicar antes do final do século 21 implicando uma substancial amplificação do efeito de estufa.

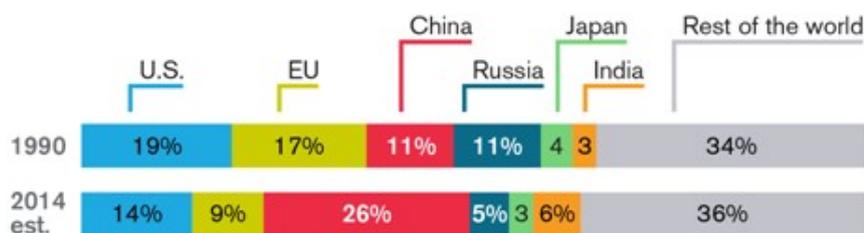
Ainda no âmbito destas distorções GEE, vale a pena aqui recordar que, em resultado de hábeis lobbies (pecuária, indústrias do gás natural e petróleo et al.), vai-se negligenciando o segundo mais importante Gás de Estufa antrópico: o terrível Metano que, apesar de ter uma vida mais curta na atmosfera, é 25 vezes mais estufante que o CO₂ em termos de absorção de infravermelhos por molécula – é pois tempo de o colocar na linha da frente das análises climáticas, especialmente porque, após uma estabilização das concentrações de metano (CH₄) desde 1990, as medições atmosféricas evidenciam renovados aumentos desde 2007.

Como é óbvio, esta demonização do CO₂ antrópico não é inocente; na verdade, desde há anos que a larga maioria dos grandes poluidores já conseguiu implementar transições energéticas que permitiu a ultrapassagem dos seus picos de CO₂, pelo que pouco têm a perder quando fazem dele o inimigo principal.

No processo, estas estratégias de *descarbonização* vão assumindo múltiplos tiques totalitários – por exemplo, ao contrário de Kyoto, a COP21 pretende agora impor descarbonizações legalmente vinculativas para o universo dos países com a (in)conveniente excepção dos grandes poluidores (USA, China p.e., ou da Polónia onde a UE concebeu um eufemismo manhoso: *neutralidade climática*); assim, não só se procura vedar aos países pobres o recurso às tradicionais tecnologias industriais como instrumentos de combate à pobreza extrema e à exclusão social, mas também se visa internacionalizar custos ambientais insuportáveis para os países que mais precisam de se desenvolver – neste entretanto, nunca se põe em causa os escandalosos níveis de consumo das elites e/ou a diabólica desigualdade de um mundo em que 1% da população detém mais riqueza que os restantes 99%.

Deslocamento geográfico das fontes de emissão de GEE

Percentage of total global greenhouse gas emissions from each nation or bloc.



Numbers do not add to 100 percent due to rounding.

Source: [World Resources Institute](#), [Bloomberg New Energy Finance](#)

Todavia, o facto de eu não conseguir detectar evidências que me permitam qualificar o CO₂ antrópico como o grande demónio climático, não significa que eu negue o facto de as concentrações GEE de origem natural e antrópica terem atingido níveis sem precedentes, com aumentos enormes de concentrações de dióxido de carbono (CO₂), metano (CH₄) e óxidos de nitrogénio (NO_x) desde 1750 (40%, 150% e 20% respectivamente); tal como seria igualmente insano negar o pernicioso impacto destes GEE na indução das mudanças climáticas, particularmente das suas formas extremas (descida das temperaturas frias extremas, aumento das temperaturas quentes extremas, subidas extremas dos níveis dos mares e aumento da frequência de casos de fortes precipitações p.e.).

Recuso-me, isso sim, é aceitar um reducionismo que, refugiando-se quasi exclusivamente na diabolização do CO₂ antrópico, condiciona a grelha de partida aquando da formulação das estratégias para adaptações e mitigações climáticas ao omitir vectores cruciais da variabilidade ambiental.

Finalmente, permito-me recordar as recentes palavras do Papa Francisco quando, na sua sábia Carta Encíclica LAUDATO SI' sobre o Cuidado da Casa Comum, ele enuncia o combate à miséria extrema e exclusão social como as prioridades do desenvolvimento e, a propósito de injustiças ambientais, ele preconiza que, até que sejam estabelecidos acordos adequados quanto à responsabilidade do pagamento dos custos das necessárias transições energéticas, “ *é legítimo escolher o menor de dois diabos (efeitos de estufa e subdesenvolvimento)*”.

josé lopes

setembro 30, 2015

PS – a 60 dias do início da COP21, ainda não foi tornada pública a estratégia do governo de Moçambique quanto à adaptação e mitigação dos efeitos induzidos pelas mudanças climáticas; brevemente, apresentarei um posfácio relativo a algumas acções que considero fundamentais na estratégia da EDM (Electricidade de Moçambique) face a eventos ambientais extremos.